

ENTRE SABERES E FAZERES: AS NARRATIVAS DE DONA PRETINHA

Ellen Cristina Maia Nobre

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Email: ellenobre@outlook.com

Míria Helen Ferreira de Souza

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Email: miriahelen@hotmail.com

RESUMO

Este artigo expõe experiências recorrentes na trajetória de uma professora da rede estadual de ensino de Apodi/Rio Grande do Norte. Como o objeto central da pesquisa é a análise da prática pedagógica definimos como objetivo conhecer quais as estratégias didáticas praticadas, em sala de aula, contribuíssem para a organização do processo formativo dos alunos. É uma pesquisa exploratória, de cunho qualitativo. A pesquisa bibliográfica respaldou teoricamente este trabalho. A abordagem biográfica representou o caminho para a (re)construção de memórias acerca dos aprendizados adquiridos e ensinamentos deixados durante o exercício da profissão professor. O sujeito da pesquisa foi a senhora Francisca Ferrei da Costa Maia, conhecida como Dona Pretinha de Boré, docente aposentada da rede pública de Apodi/RN. O instrumento de pesquisa utilizado para a construção dos dados foi a entrevista semiestruturada que focalizou questões sobre a trajetória de vida, formação e prática pedagógica da docente. Observamos que as narrativas de Dona Pretinha estão carregadas de significados de vida e saberes que manifestam a construção da identidade de uma educadora que narra de sua pertença, de seu ethos e de sua paixão pela arte de ensinar, permitindo a ressignificação dos saberes e fazeres em sala de aula. Concluímos, por meio do saber ser e fazer da professora, que os saberes acadêmicos dialogam com os saberes da prática ao resgatarem a construção dos plurais territórios de aprendizagens. As narrativas de Dona Pretinha evocam o *ser* e o *fazer* como a arte de aprender e de ensinar na contemporaneidade.

Palavras- chave: Arte de Ensinar; Práticas Educativas; Formação humana e profissional.

INTRODUÇÃO

Reinventar o vivido é um modo de recordar lembranças que nos possibilitam –refletir sobre nossa história de vida, a dos outros e a formação. A importância do resgate de instantes experimentados, somada à nossa eterna condição de aprendiz, nos impulsiona à busca por minúcias retratadas em histórias de vida que nos remetem ao entendimento de que tudo o que fazemos revela o que somos.

Este trabalho apresenta revelações sobre a prática educativa presente na trajetória de Francisca Ferrei da Costa Maia, docente da rede estadual de ensino do município de Apodi/RN, conhecida pelo apelido de Dona Pretinha. Objetivamos conhecer quais as estratégias didáticas praticadas pela referida professora, em sala de aula, que contribuía para a organização do processo formativo dos alunos durante seus 32 anos de docência.

O interesse pelo tema surgiu nas rodas de conversa da disciplina História da Educação Brasileira, componente obrigatório do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Nelas foram abordadas as perspectivas de construção do perfil docente pautado na troca de saberes e viveres, bem como, a partir das reflexões da própria prática e da do outro, com a intenção de beneficiar a tessitura de aprendizados significativos aos sujeitos.

Optamos em realizar uma pesquisa exploratória por esta permitir a familiarização com assuntos poucos investigados (GIL, 2010). Esta modalidade de pesquisa atendeu as intenções de nossa investigação devido ao fato de que tratamos das experiências vividas por um sujeito específico.

Tendo em vista que nenhum trabalho investigativo nasce do nada, a pesquisa bibliográfica também foi um subsídio utilizado na construção deste artigo, haja vista que estudos realizados por teóricos dão respaldo e segurança às análises descritas nas produções científicas (GIL, 2010). Para dar credibilidade a este trabalho utilizamos os estudos científicos de Bosi (2003), Brasil (1998), Fonseca (2012), Ferraço (2012), Freire (2013); Gil (2010), Libâneo (2003), Mitjans Martínez (2002), Nóvoa (2010), Souza (2006), Souza (2014), dentre outros.

Recorremos à abordagem biográfica porque esta representa a possibilidade de o sujeito tornar-se protagonista de sua formação (NÓVOA, 2010). Em conformidade com o autor supradito esta técnica favorece o entendimento de que olhar para si, o que somos e fazemos, contribui para a retrospectiva dos percursos vividos e dá significado à formação nas dimensões biopsicossocial e humana. Bosi (2003) referenda que todo sujeito tem a capacidade de resgatar aspectos do passado.

Para o autor, significa dizer que podemos contar histórias a nós mesmos, bem como, aos outros, pois é a escuta do outro que transfere o que contamos à dimensão social, visto que culmina na construção de uma nova experiência cerceada pela troca e pela cumplicidade.

O sujeito da pesquisa foi a professora Francisca Ferrei da Costa Maia, docente por 32 anos na Escola Estadual Ferreira Pinto, localizada no município de Apodi, estado do Rio Grande do Norte. Aposentada a dezesseis anos, a mesma faz questão de lembrar com carinho do tempo que lecionava.

O instrumento de pesquisa utilizado para a construção dos dados foi a entrevista semiestruturada, com tópicos previamente apontados, mas com margem para novas questões. Lüdke e André (1986, p. 34) afirma que esse tipo de entrevista “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”. Nesse sentido, entrevistamos a professora Francisca Ferrei da Costa Maia, no ano de 2014, focalizando questões sobre sua trajetória de vida, formação e prática pedagógica.

Os discursos apontados neste artigo estão organizados em dois momentos interrelacionados: O primeiro apresenta Dona Pretinha, o sujeito da pesquisa. O segundo esboça especificidades acerca do trabalho pedagógico realizado pela docente supracitada. Encerramos com a manifestação dos aprendizados adquiridos, por meio da investigação recorrente, e os aspectos que sinalizam as contribuições destes para a formação docente e humana na contemporaneidade.

CONHECENDO DONA PRETINHA

Francisca Ferrei da Costa Maia, conhecida carinhosamente como Dona Pretinha de Boré (apelido que prefere ser chamada), nasceu no município potiguar de Pau dos Ferros, no dia 14 de Abril de 1932. Em sua infância mudou-se com seus familiares para a cidade de Apodi/RN, onde reside até os dias de hoje. Aprendeu suas primeiras lições na Escola da professora Joantina de Benvinda. Mais adiante continuou seus estudos com esforço e dedicação. Foi mãe aos 21 anos, tendo nove filhos. Mesmo sendo dedicada e zelosa com os afazeres domésticos, nada a impediu de continuar seus estudos mesmo tendo que se deslocar para a cidade de Mossoró/RN, para participar de cursos de formação para a docência ofertados, na época, pelo Governo do Estado do RN. A professora descreveu que “esse curso era como se fosse uma revisão de todo o conteúdo que lecionávamos. Cada disciplina tinha duração de dois meses” (Dona Pretinha, Apodi, 05/02/2014).

Foi aprovada no concurso para docentes do Estado do RN em 1966. No ano de 1983 fez o Curso de Capacitação Logos II. Foi professora da rede estadual de ensino no período de 1967 a 1999. Hoje, é membro da Academia Apodiense de Letras.

Os dados acima foram narrados por Dona Pretinha no decurso da entrevista realizada e descritos de modo fidedigno pelas autoras deste texto. A narração da sua história permitiu a revisitação de espaços e encaminhamentos de seu próprio processo de formação. Esse aspecto corrobora novos olhares à ação profissional, pois,

Ao narrar-se, a pessoa parte dos sentidos, significados e representações que são estabelecidos à experiência. A arte de narrar, como uma descrição de si, instaura-se num processo metanarrativo porque expressa o que ficou na memória. [...] um olhar para si marca, no contexto da pesquisa, a implicação e o distanciamento dos sujeitos narrarem suas histórias a partir de lembranças particularizadas das histórias de vida (SOUZA, 2006, p. 104).

Observamos que é na essência da subjetividade dos fatos, acontecimentos, narrativas e representações, que as histórias de vida vão se organizando na medida em que buscam conhecer as informações contidas na trajetória pessoal de cada sujeito, dando-lhe autonomia para narrar livremente sobre suas experiências pessoais. Através das histórias de vida a memória pessoal, aparece trazendo lembranças de um passado que se preserva no presente, permitindo perceber a evolução das representações e dos significados atribuídos a vários acontecimentos da vida cotidiana dos indivíduos, onde os discursos e fatos correspondem à vida vivenciada pelos sujeitos, estabelecendo-se como depoimentos vivos.

O testemunho de vida de Dona Pretinha em busca de uma formação profissional subsidia um processo formativo humano e soma aprendizados inéditos aos sujeitos que vivem cotidianamente experiências de formação profissional, ainda em caráter primário, na graduação. Daí a pertinência de analisar suas relações com o trabalho docente e humano que desenvolveu no decurso de sua vida profissional.

REVELAÇÕES DA PRÁTICA DOCENTE DE DONA PRETINHA NA ESCOLA ESTADUAL FERREIRA PINTO

A prática docente é uma das ações mais importantes aos olhos da sociedade, pois, por meio dela, o indivíduo é capaz de

Estabelecer uma relação ativa e transformadora em relação ao meio social [...]O trabalho docente é parte integrante do processo educativo mais global pelo qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social. A educação – ou seja, a prática educativa – é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária a existência e funcionamento de todas as sociedades. Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social. Não há sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade. A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade (LIBÂNEO, 2003, p. 17).

Assim sendo, fica claro que a importância da profissão docente eleva seu nível de responsabilidade mediante os sujeitos que os envolvem por interferir significativamente na vida dos educandos. A prática docente torna-se produtiva quando o profissional consegue enxergar o aprendiz na sua verdadeira essência, e ainda quando passa a vê-lo como “um sujeito social e histórico e que faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico” (BRASIL, 1998, p. 21). Neste sentido, cada sujeito tem suas singularidades e pluralidades.

Conforme os relatos de Dona Pretinha foi possível observar que a mesma mantinha uma relação saudável com seus alunos, procurando sempre entender e respeitar o desenvolvimento de cada um. Em sua fala, a docente reproduz as vozes de alunos que enfatizavam ser a paciência uma de suas marcas principais. Ao refletir sobre a sua prática, a professora explicou que buscava como alternativas despertar o olhar do aluno para o universo vivenciado no dia-a-dia do educando e trazê-lo para dentro da sala de aula. Dona Pretinha afirmou que “se o aluno plantava, as sementes serviam para aprender a contar, e assim por diante”.

Este discurso imprime o fato de que o ato de aprender é sinônimo das experiências que temos nos locais onde vivemos, com as pessoas com as quais interagimos. Isso sinaliza que há vida além dos muros da escola e os docentes necessitam perceber isso. Com essa prática, Dona Pretinha expressou que as dúvidas e temas discutidos pelos alunos serviam de inspiração para os debates nas aulas seguintes. Este posicionamento nos leva a conceber que a metodologia adotada pela professora era eficaz ao desenvolvimento das habilidades do alunado, tendo em vista ser conveniente discutir, em sala de aula, a teoria científica ofertada pelo currículo escolar atrelada ao que é vivido diariamente em sua comunidade. Pois,

O fato de as redes, em suas tessituras, envolverem, inclusive, os conhecimentos disciplinares não significa que só existam esses. De fato, a metáfora/noção de redes usadas para pensarmos o conhecimento implica uma complexidade de interconexões de diferentes

saberes, fazeres e poderes, que se tecem com linhas de fuga (Deleuze e Guattari, 1995), enredando processos sociais, econômicos, culturais, subjetivos[...], em diferentes relações espaçotemporais. Implica, por efeito, uma ruptura epistemológica na própria noção de conhecimento (FERRAÇO, 2012, p. 108).

Levar em consideração a singularidade de cada indivíduo e o lócus aonde está inserido torna-se para o profissional da educação uma tarefa complexa, sobretudo, relevante, pois o remete a investir numa aprendizagem significativa em que o aluno atribui sentido ao que está aprendendo. Esse circuito mantém interdependência com os conteúdos disciplinares e aqueles produzidos com o próprio viver.

Dona Pretinha esboçou que para motivar os alunos a estudarem fazia elogios delicados diante das atividades executadas. Citou como exemplo a história do aluno Jorge, conhecido pelo modo preguiçoso de escrever suas lições:

Comecei a passar na carteira dele, elogiando. Jorge como está bonita sua letra, como você está se desenvolvendo bem hoje, e saía sem mais conversa. Jorge ficava muito admirado. Um certo, dia encontrei a mãe dele na rua e me perguntou o que estava acontecendo com seu filho, fiquei espantada e perguntei o que acontecera. Ela respondeu dizendo que seu filho tinha pedido para que ela comprasse um caderno, e sempre que ele chegava da escola ia repassar toda atividade que tinha feito na sala de aula. Fiquei muito feliz, pois Jorge estava pegando gosto pela escrita, ele estava mais interessado, mais caprichoso. Tudo pelos simples elogios (DONA PRETINHA, 05/02/2014).

Este relato nos faz refletir sobre a relação do docente com o aluno dentro da sala de aula. As atitudes das mais simples as mais complexas tomadas no ambiente de ensino podem até passar despercebidas, porém, são capazes de transformar vidas. O docente, a partir de suas intervenções pedagógicas, deve trabalhar “a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem” (FREIRE, 2013, p. 45).

Dona Pretinha não esperava que a atitude praticada viesse trazer resultados positivos na vida de Jorge. Tomando como base essa experiência, percebemos que a relação conduzida por um misto de afetividade entre os pares torna a prática educativa necessitada de um olhar sensível que encaminhe o professor à compreensão das capacidades, limitações e frustrações existentes no educando. O educador sensível é a ponte entre as reais dificuldades do aluno e a superação.

A docente, sujeito da pesquisa, revelou que alfabetizava seus alunos trabalhando cada letra, de forma paciente, de acordo com o desenvolvimento de cada um. Em seu depoimento, diz:

Essa era a dificuldade, ir de acordo com o que cada um sabia. Acompanhar todos os níveis sem deixar a desejar, eu não sentava na minha carteira em momento algum, sempre

passando nas carteiras e auxiliando-os. Logo depois começávamos a trabalhar as sílabas, depois as palavras e assim por diante. Em seguida passava a trabalhar com ditado de palavras, sempre aproveitando os saberes que os educandos traziam consigo. Era muito eficaz essa forma de alfabetizar. A cartilha do ABC, era uma ferramenta muito utilizada naquela época, muitas vezes servia de inspiração para os educadores estimularem os alunos a se alfabetizarem. A partir daquelas atividades, eu criava outras (DONA PRETINHA, 05/02/2014).

O zelo demonstrado nas palavras de Dona Pretinha é singular. A importância de trabalhar respeitando o tempo e o jeito de aprender de cada criança simboliza respeito e paixão pelo que faz. Essa postura corrobora o pensamento de que para ensinar é preciso ter paixão, já que esta edifica “novos significados e conhecimentos sobre o ser, a vida e sobre o próprio conhecimento” (FONSECA; EVANGELISTA; QUEIROZ, 2012, p. 204-205). As ações didáticas da professora evocavam o conhecimento de algo, por intermédio do ver, ouvir, mas, principalmente do sentir.

A educadora relata que um dos métodos valorizados pela docência, no período em que lecionava, era a memorização dos conteúdos trabalhados.-Segundo ela, “esta técnica era usada para ensinar aos alunos a aprender cálculos, datas comemorativas, entre outras” (DONA PRETINHA, 05/02/2014).

A criatividade na docência é uma ferramenta valiosa. A aplicabilidade de estratégias criativas possibilita ao educador direcionar os saberes de forma lúdica e com real sentido para a vida dos educandos. A memorização ainda é um método pedagógico utilizado na atualidade, todavia, sabemos que é imprescindível que o aluno torne-se sujeito ativo na construção do seu conhecimento e, para isto, é preciso estar em constante reflexão crítica sobre aquilo que lê, escreve, vê e pensa, habilidades comunicativas necessárias ao fazer docente.

Quando nos referimos às habilidades comunicativas do professor, estamos nos referindo não só à necessária “maestria pedagógica”, entendida como o conjunto de habilidades que permitem ao professor a transmissão da informação de forma amena, clara e eficiente, mas, fundamentalmente, às habilidades comunicativas que permitem ao professor, a partir de suas sensibilidades, valores e motivações, estabelecer um sistema de comunicação em sala de aula e fora dela que contribua para desenvolver a personalidade dos alunos e, por sua vez, se torne efetivo na intenção de alcançar uma aprendizagem mais personalizada e eficiente (MITJÁNS MARTÍNEZ, 2002, p. 196-197).

Assumindo tais habilidades como luz para a realização das ações didáticas, o professor estará incorporando a criatividade como um instrumento de diálogo inerente à docência.

Dona Pretinha acreditava que tinha que estar preparada para superar qualquer dificuldade que viesse a seu encontro. Nos últimos dois anos de trabalho, assumiu a missão de trabalhar com os alunos que ainda não sabiam ler. A docente descreveu que não havia sala de aula para a realização

das atividades de reforço que, na época, eram chamadas de “oficinas”, porém, a referida professora encontrou um jeito de sanar a situação:

Lembro que eu fiquei embaixo de uma árvore e minha colega em outra. Uma ao lado da outra. Encontrei um quadro e um dominó do alfabeto jogado lá pela escola, e resolvi pegar. Comecei a trabalhar com eles e foi dando certo. Um dia o diretor da escola, que inclusive foi meu aluno, foi se aproximando e eu fiz um gesto discretamente para ele parar e escutar o que os alunos iriam fazer. Todos começaram a ler. Ele ficou muito surpreso e muito feliz ao ver o desenvolvimento daquelas crianças (DONA PRETINHA, 05/02/2014).

É notório que a brincadeira educativa também fazia parte da sua metodologia e a criatividade era essencial para que a educadora pudesse suprir a ausência de materiais didáticos fazendo adaptações com outros objetos disponíveis. Através da narrativa acima pudemos evidenciar o quanto o professor precisa se reinventar para superar a falta de estrutura física e curricular do espaço escolar. Esta problemática que envolve todo o corpo docente perpassa gerações, no entanto, mesmo com a carência de recursos pedagógicos nas escolas, nos dias atuais, ficamos surpresas diante das habilidades criativas desenvolvidas por professores para superarem as barreiras da rotina na escola. Daí a importância da utilização da criatividade no plano das ações didáticas docentes.

Mesmo respaldando suas aulas com atividades criativas e lúdicas, Dona Pretinha elencou a falta de disposição dos alunos para efetuarem as atividades como um aspecto conflituoso frente ao ato de aprender. Citou que esse elemento estava desviando a atenção de seus alunos nas aulas, então procurou maneiras de conquistar a atenção do alunado, de forma paciente. Como exemplo, define a forma que trabalhou com duas alunas que conversavam durante as aulas e que não tinham interesse pelas atividades:

Comecei a rasgar pedacinhos de papel do meu caderno e entregar a elas, dizendo que aqueles papéis era toda a preguiça que elas tinham, em seguida pedi para que elas guardassem em algum lugar da sala e só pegassem quando fossem embora. E assim, todos os dias elas chegavam e colocavam os papéis por trás da porta e quando iam embora perguntavam se poderiam levar para casa. Eu respondia que elas tinham que levar porque a escola não era canto para eles. Era uma brincadeira que fazíamos, mas que trouxe resultado, pois o comportamento delas melhorou muito. A gente tem que tentar de todas as maneiras. A finalidade é que seu aluno entenda e que tome gosto para aprender. Pois se ele não gostar do professor, não gostar do ambiente...e aí? (DONA PRETINHA, 05/02/2014).

É pertinente situar que a estratégia aplicada pela docente traz imbricada o desejo da conquista, aspecto que deve acompanhar cotidianamente o fazer docente. A constatação do desinteresse dos alunos pelas tarefas escolares simboliza que a educadora ansiava em despertar nas crianças aquilo que a movia: a paixão pelo que se faz. Importante mencionar que ao observar que os

alunos estavam dispersos, Dona Pretinha também olhava para si e isso a impulsionava a buscar novas maneiras de investir em si e no outro.

As dificuldades que cerceavam a educação não assumiam patamar principal em detrimento das questões pedagógicas de responsabilidade da professora supradita. Essa atitude sugere que Dona Pretinha tinha empatia para com seus alunos. Isso abre-se ao que Freire (2013, p. 141) chama de “querer bem aos educandos”.

Interessante mencionar que a professora supradita considerava seus alunos disciplinados. Segundo ela, nessa época, o alunado respeitava bastante os professores, “via-os como autoridade. Entravam na sala de aula em filas e em silêncio e já sentavam nos seus devidos lugares. Tudo era feito com o consentimento do professor. Caso houvesse algum tipo de indisciplina, procurava os pais e conversava” (DONA PRETINHA, 05/02/2014). Em seu depoimento assegura: “nunca expulsei um aluno, nunca os mandei para casa. Hoje vejo a falta de respeito na calçada da escola, quando passo em frente já vejo a diferença do comportamento daqueles alunos para os dias de hoje” (DONA PRETINHA, 05/02/2014)..

A reflexão de uma professora que lecionou nas décadas de 1960 a 1990 nos inspira a meditar sobre as mudanças recorrentes advindas da globalização, esse aspecto nos aponta um mote para pesquisas futuras. As ideias e ações educativas que cercearam Dona Pretinha produziram frutos e, segundo ela, com o passar do tempo os resultados do bom trabalho começaram a aparecer. Após 32 anos de profissão a professora afirma que, encontros casuais com ex-alunos são motivos para compartilharem os resultados do seu trabalho. Dona Pretinha contou um desses encontros:

Um dia desses fui forrar o teto da minha casa e quem veio foi um ex-aluno meu: Weliton. Quando foi fazer o orçamento, pegou um papel e um lápis e começou a fazer os cálculos. Fiquei observando (achando parecido com a maneira que faço). E de repente ele diz: Dona Pretinha, esse cálculo aqui aprendi com a senhora. Fiquei muito feliz, pois contribuí de alguma forma para vida dele. Ele nunca esqueceu o que aprendeu comigo (DONA PRETINHA, 05/02/2014).

Não é difícil perceber o orgulho que esta mulher sente em ter exercido a profissão docente. Quando conversa sobre seu tempo de trabalho na escola, sobre as experiências vividas com os alunos, associado a tudo isso vêm os resultados de uma profissão realizada com amor. Ao nosso ver, talvez seja essa a diferença do profissional: *amor ao que faz*. Essa paixão que moveu Dona Pretinha nos seus 32 anos de docência, conduziu-a ao enxergamento de que a formação é algo pessoal, no entanto, cada um de nós é responsável pela construção de si e do outro, especialmente quando estamos revestidos na roupagem de docentes.

Esta professora revela sabedorias que para sua época fez muita diferença, mesmo diante dos problemas sociais pelos quais as crianças passavam, como: dificuldades de terem vestimentas para irem à escola, de comprarem seu material, conforme relatou Dona Pretinha ao dizer que “muitas vezes, os cadernos eram feitos de papel de embrulho” (DONA PRETINHA, 05/02/2014). Declarou ainda que, “muitos, ainda crianças, já tinham a responsabilidade do trabalho, de ajudarem seus pais no campo, ou mesmo em casa. Os filhos mais velhos, que muitas vezes ainda eram crianças, cuidavam dos irmãos mais novos” (DONA PRETINHA, 05/02/2014).

Levando tudo isto em consideração, a professora se preocupava com seus planos de aula e relatou que o planejamento “coletivo” era feito aos sábados. Nele, eram sugeridos os tópicos a serem trabalhados em sala de aula e, a partir disso cada um elaborava seu planejamento individual. Com a correria do dia-a-dia, mal tinha tempo de preparar sua aula e muitas vezes fazia isso no percurso de casa para a escola. “Por diversas vezes deixei o almoço na mesa e saía com fome, pois não tinha tempo nem para comer, no entanto, nunca fui para dentro da sala de aula sem saber o que iria fazer” (DONA PRETINHA, 05/02/2014)..

É observável que o zelo pelo trabalho que desenvolvia, o tratamento dispensado aos alunos e a condução das atividades traziam imbricados o sentimento de respeito para consigo enquanto profissional e para com o aprendiz. Dona Pretinha, por meio de suas ações educativas, desenvolveu um jeito de ensinar/aprender que tem como base o desvelamento de que “a condição ser vem primeiro” (SOUZA, 2014, p. 75).

No percurso de sua vida profissional, a docente, sujeito da pesquisa, urdiu um jeito plural de ser e de fazer a docência quando foi capaz de retornar para si o olhar e as palavras impregnadas de sentido que o outro, seu aluno, lhe transmitiu. Isso culminou na construção de uma subjetividade cerceada por conteúdos sociais e afetivos, por vezes, tão esquecidos no ambiente escolar. Esse novo jeito de ver as coisas e as palavras aprendidas durante três décadas de dedicação à educação, descortinaram um modelo de ensino pautado no pressuposto freireano de que todos, nós, sejamos educadores ou alunos, seremos eternamente aprendizes (FREIRE, 2013).

No arco da vida, Dona Pretinha assumiu variados papéis e estes, por sua vez, estiveram em permanente transformação como num círculo vicioso que, aos poucos contribuiu para que esta educadora fosse se constituindo, sendo constituída e contribuindo com a constituição de seus alunos. Isso é fazer docência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recordação é o tempo vivo na memória. São retratos que não se apagam da mente por marcarem trajetórias significativas na vida de qualquer sujeito. Se lembramos é para poder contar sobre o vivido, o experimentado. (BOSI, 2003). Disso flui a essência da vida. As narrativas da professora Dona Pretinha estão carregadas de significados de vida, dos saberes do lugar, da identidade de uma educadora que narra sua pertença, de seus ethos, permitindo a ressignificação dos saberes do *fazer* e do *ser* na sala de aula.

Seu saber fazer conduziu reflexões por permitir o diálogo ente os saberes acadêmicos com os saberes da prática ao resgatar, em seu contexto local, a construção dos plurais territórios de aprendizagens da tradição. Sua autobiografia permitiu a reaproximação dos saberes de sala de aula e o fortalecimento da emoção dos lugares da memória. Seu saber ser iluminou a possibilidade de enfrentar os desafios e tecer, dia a dia, um modelo de gestão que considera os aprendizados da experiência como liame que une sujeito x escola x vida. Essa tríade perpassa a mera condição de aprendiz inata em todo sujeito (FREIRE, 2013) e eleva à categoria de sujeito que ensina e aprende mutuamente.

Os posicionamentos de Dona Pretinha trazem consigo o amor pela prática docente. Partindo da paixão pelo que fazia, a referida docente usou as barreiras que se puseram à sua frente como fermento para a superação das dificuldades enfrentadas dentro e fora do espaço escolar. Essa estratégia evitou que os empecilhos interferissem em suas metodologias sociopedagógicas. Usar a criatividade ainda quando a escola vivia a concepção técnica do ensino também sinalizou que a professora supradita traz imbricada em sua prática a ideia de que despertar prazer pelo que faz tem dois efeitos: o uso da criatividade enquanto caminho de inserção no contexto social de cunho produtivo e a importância desta para o bem estar emocional do sujeito (MITJÁSN MARTÍNEZ, 2002).

A prática metodológica de Dona Pretinha era condizente com o tempo e a cultura escolar em que vivia, porém, constatamos resquícios dessas ações didáticas sendo reproduzidas nos dias atuais, mesmo diante das inúmeras mutações pelas quais o mundo perpassa. Consideramos que a força de vontade para mediar os conhecimentos de seus alunos, objetivando torná-los melhores, seja como pessoa, profissional ou cidadão foi o diferencial do trabalho da professora, sujeito da pesquisa. Analisar o jeito de fazer docência de uma profissional da época passada singrou na releitura do que é fazer docência hoje. Esse reflexo nos projeta à pesquisas futuras.

A partir das narrativas dos saberes e fazeres de Dona Pretinha, estamos construindo a consciência de que o papel do professor é incentivar o aprendiz a aprender para lutar por uma sociedade mais justa e mais igualitária para os seus, pois, é na parceria com o outro que tecemos o mundo com as próprias mãos.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 10 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**- Brasília: MEC/SEF, 1998.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Possíveis tessituras entre currículo e didática: sobre conhecimento, experiências e problematizações. In: LIBÂNEO, José Carlos; ALVES, Nilda (Orgs). **Temas de Pedagogia: diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Cortez, 2012.

FONSECA, Ailton Siqueira de Sousa; EVANGELISTA, Jucieude de Lucena; QUEIROZ, Allan Phablo de. A paixão tece os saberes que nos fazem falar In: ZUBEN, Marcos de Camargo Von. et al. (Orgs.). **Sujeito, saberes e práticas sociais**. Mossoró: UERN, 2012, pp. 199-210

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática Pedagógica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo, Cortez, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. Temas Básicos de Educação e Ensino.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **A Criatividade na Escola: Três direções de trabalho**. v.8, n. 15. Brasília: Linhas Críticas, jul./dez. 2002.

NÓVOA, A. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosalus. In: NÓVOA, António; FINGER, M. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFERN; São Paulo: Paulus, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. D&A/UNEB, 2006.

SOUZA, Míria Helen Ferreira de. **Literatura e formação humana: nas entrelinhas das obras infantis de Clarice Lispector**. 2014. 244 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró. 2014.